

Considerações sobre a pedagogia dos vínculos e a motivação para aprender no processo educativo

Considerations on the pedagogy
of bonds and motivation to learn
in the educational process

Sandra Maieski

irmsandra@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Katya Luciane de Oliveira

oliveira_katya@ig.com.br

Universidade Estadual de Londrina - UEL

Submetido em 15/05/2012

Resubmetido em 15/12/2013

Resumo

O presente artigo aborda a relevância do cultivo dos vínculos no processo educativo, seja ele formal ou informal. Apresenta discussão teórica sobre o assunto, destacando aspectos da sociedade contemporânea relativos ao tema. Oferece a contribuição de autores brasileiros e estrangeiros que se ocupam com a temática, considerando-a de máxima relevância na cultura atual altamente tecnológica e científica, mas carente no campo das relações humanas. Proporciona exemplos empíricos e relatos de pesquisa que ilustram a necessidade humana de pertencimento para a formação integral do indivíduo, capaz de viver e conviver socialmente. Tal proposta se mostra como um desafio de grande magnitude para a educação contemporânea que se dá numa sociedade que se revela cada vez mais individualista e egoísta. Destaca a importância do pertencimento como elemento essencial para a qualidade motivacional para estudar, como propõe a teoria da Autodeterminação, com foco na motivação para aprender, e analisa o quanto o cultivo de vínculos interfere na dinâmica escolar, refletindo diretamente na cultura escolar. Por fim, discute-se as implicações da influência do vínculo professor - aluno para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem qualitativo, motivador.

Palavras-chave: Contextos da Educação. Pedagogia dos Vínculos. Motivação para Aprender. Educação Básica.

Abstract

This article discusses the relevance of the cultivation of bonding in the process of education, formal or informal. Presents a theoretical

discussion on the subject, focusing on aspects of contemporary society on the subject and the contribution of Brazilian and foreign authors dealing with the theme, considering the important bonding in the culture today that is highly technological and scientific, but deprived in human field. Provides examples and reports of empirical researches that illustrate the human need of belonging for integral formation of individuals capable of living and to live together. This proposal appears as a challenge of great magnitude for contemporary education that takes place in a society more and more individualistic and selfish. Stresses the importance the human need of belonging as an essential need for motivation to learning, as suggests the self-determination theory, with a focus in motivation to learn, and examines how the culture the bonds interfering dynamic in the school culture. Finally, we discuss point the influence the bonding between the teacher and the student for the effectiveness of the process teaching and learning quality and able to motivate to learning.

Keywords: Education Contexts. Bonding Pedagogy. Motivation to learning. Elementary Education.

1. Introdução

A constituição da identidade do sujeito depende em grande parte das relações estabelecidas com outros. Essas relações, por sua vez, caracterizam-se pela reciprocidade, pela complementaridade e pela reversibilidade (GÓES, 1993). Sendo assim, os vínculos que o indivíduo mantém com seus pares são meios indispensáveis para que ele possa desenvolver-se plenamente no tempo e no espaço de uma contemporaneidade complexa, alterando as referências habituais (DELORS, 1999).

O relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI (DELORS, 1999) confirma a necessidade de um trabalho sério na área das vinculações. O referido documento propõe que a educação, sob suas diversas formas, crie vínculos sociais entre as pessoas (DELORS, 1999). O que o relatório ressalta é a relevância da urgente necessidade de formar uma nova humanidade na qual a ética, associada ao respeito pelo outro, se faz presente como elemento essencial no intuito de amenizar os efeitos da globalização, fortemente centrada em aspectos econômicos e tecnicistas.

Por sua vez, o ser humano sofre constantes mudanças internas no decorrer de seu desenvolvimento, mudanças que ocorrem como consequência das ações que ele realiza para aprimorar-se (FREIRE, 1986), mudanças que são possíveis à medida que ele se percebe como pessoa. Possibilitar ao homem descobrir-se para aperfeiçoar-se num ato mais empático (LUCKESI, 2005) constitui-se um desafio constante para o campo educacional.

Nessa direção, pode-se observar que o homem está inserido no mundo e com ele estabelece diferentes formas de relação (FREIRE, 1986). Contudo, o que se constata são contatos, não vínculos. Freire (1986) distingue relações de contatos, que apresentam diferenças significativas. Ao comparar relações com contatos, o autor elucida que as primeiras são reflexivas, consequentes, transcendentais e temporais. Em contrapartida, contatos são caracterizados como reflexos inconsequentes, intrascendentais e intemporais.

É possível perceber, portanto, a profundidade das relações que se caracterizam pelo acolhimento e pela partilha, numa troca contínua. A proposta de um trabalho pedagógico, no qual se intensificam os vínculos inerentes ao ser humano, é uma ideia defendida por Kentenich (1999) que propõe como foco condutor de sua proposta pedagógica a

Pedagogia dos Vínculos. Tal pedagogia busca criar condições para que o educando, em liberdade e criatividade, crie vínculos profundos, capazes de auxiliá-lo em seu desenvolvimento.

O que propõe Kentenich (1999) se encontra estreitamente relacionado com o constructo pertencimento, assim como o apresenta a teoria da Autodeterminação, no contexto dos estudos relativos à motivação para aprender. Bzuneck e Guimarães (2010) aludem ao pertencimento como uma necessidade psicológica universal, ou seja, como uma necessidade que o indivíduo tem de estar ligado a outras pessoas, ao mesmo tempo em que se sente autônomo. Para os autores, vinculação e autonomia se entrelaçam numa combinação feliz. Tal premissa será abordada no decorrer deste trabalho.

2. O cultivo dos vínculos: uma tarefa desafiadora à educação contemporânea

Vivemos num tempo marcado por crises, como é possível constatar atualmente. O homem é lançado de um lado para o outro. O que hoje é louvável, amanhã ou mais tarde, é lançado fora. O avanço tecnológico e científico tornou o cotidiano mais funcional e, embora o acesso às mais variadas informações sejam quase instantâneo; ainda que as distâncias territoriais não sejam barreiras à unicidade do pensamento, há um campo que parece estar inexplorado: o ser humano como pessoa.

A discrepância existente entre a imensidão de conhecimentos e descobertas adquiridos pelo homem no decorrer dos tempos e a utilização destes somente por alguns grupos seletos da sociedade, propõe a análise de uma triste realidade: estamos perante grandes avanços científicos e tecnológicos, mas, ao mesmo tempo, de um imenso

retrocesso no campo humano. Saber e compadecer-se verbalmente do sofrimento ou da alegria do outro faz parte do cotidiano de um grande número de pessoas, mas uma compaixão no verdadeiro sentido da palavra é praticada por poucos. Solidarizar-se com o outro, colocar-se em seu lugar e buscar soluções que o auxiliem efetivamente, não está sendo a prática da sociedade contemporânea, onde o egoísmo e o individualismo, muitas vezes, têm a primazia (DELORS, 1999).

Para Maieski (2011), em muitos círculos educativos, a educação, seja formal ou não, se ocupa pouco com a formação do interior do indivíduo. Tudo se concentra no exterior, no que promoverá a ascensão profissional mais reconhecida e valorizada. Um exemplo clássico é o ingresso nas universidades brasileiras. No vestibular não se exige do candidato que ele tenha boa índole, seja solidário, comprometido socialmente e promotor de ajustes sociais. O que se espera dele é que detenha o conhecimento; não se toma em consideração o uso que ele faz ou fará desse conhecimento.

Por isso, torna-se relevante o trabalho com a pedagogia de vínculos. Tal pedagogia possibilita o sentir-se pertencente, convicção tão necessária para manter-se inabalável num mundo que se perde em mudanças que não conseguem atingir o homem por inteiro e, por isso, o desestruturam como pessoa. É relevante ressaltar que, ao tratar dos vínculos, Kentenich (1999) os associa ao amor.

A indispensabilidade de um trabalho pedagógico que prima pela vinculação é também reafirmada por Blaya (2004). Ao estudar a incidência de casos de violência nas escolas de ensino secundário, situadas em áreas de baixas condições socioeconômicas de alguns países europeus, a autora relata que a maioria dos alunos se encontrava insatisfeita no convívio escolar, por constatarem ser tratados, pelos professores, como objeto de ensino e não como pessoas. Tal

panorama não se revela diferente nas escolas brasileiras. Gomes e Pereira (2009) ressaltam a necessidade de transformar as escolas em espaço de desconstrução da violência. Os autores afirmam a necessidade de que as escolas se tornem centros onde se desenvolvam projetos e ações que melhorem as relações interpessoais, com reflexos positivos na formação dos alunos. Portanto, faz-se necessário a busca do equilíbrio entre o desenvolvimento científico-tecnológico e o crescimento interior do homem como pessoa humana.

A pedagogia dos vínculos, despertada em casa e reafirmada na educação sistematizada, é capaz de formar homens novos, aptos a transformar o mundo atual num espaço onde todos possam encontrar seu lugar, desenvolverem-se e serem felizes. Neste contexto, é necessário valorizar a pessoa como agente, como sujeito de todo o progresso nas ciências e não como objeto do mesmo. Para tanto, destaca-se a preocupação em envolver pais, professores e alunos nas atividades propostas pela escola, com a finalidade de, muito além de promover o desenvolvimento da inteligência para aquisição e apreensão de novos conhecimentos no campo da ciência e da tecnologia, seja possível estabelecer vínculos que originem e perpetuem o pleno desenvolvimento humano, conforme aponta Kentenich (1999).

Proporcionar ocasiões de sustentação e fortalecimento de vínculos proporciona, concomitantemente, uma grande contribuição para que os grandes avanços científicos e tecnológicos não se tornem promotores de imensos retrocessos no campo da dignidade humana. Ocupar-se com este tema, é preocupar-se com o futuro da humanidade que começa a ser forjado com cada criança que vem a este mundo, com cada criança que ingressa na escola. Neste aspecto, cabe destacar o papel imprescindível do professor, agente principal, ao lado dos pais, no processo de implantação e consolidação dos vínculos.

O individualismo, a busca pela realização pessoal, muitas vezes, impulsionada pela ambição do poder, leva o ser humano à prática do pragmatismo, na qual o que favorece a saciedade do poder e do prazer é permitido, mesmo que fira a dignidade humana. Fortalecer vínculos pessoais por uma atenção dispensada ao outro, pelo interesse por tudo o que o circunda e o afeta, são meios eficientes para que este possa sentir-se amado e, com isso, ame. Nessa direção, Nogueira e Nogueira (2002) abordam que o indivíduo é um ator constituído socialmente até em seus mínimos detalhes. A formação inicial que um indivíduo recebe em um ambiente social e familiar, correspondente a uma posição específica na estrutura social, é incorporada a sua disposição própria e conduzida ao longo do tempo, nos mais variados ambientes.

Para Pontes e Strada (1998), a sociedade moderna vive uma ruptura de vínculos. Os autores chegam a afirmar que o indivíduo perdeu sua capacidade de vinculação, e o que se verifica é a presença de contatos funcionais necessários para a viabilidade dos serviços materiais e/ou para o cultivo das atividades culturais, sociais, esportivas e econômicas. Segundo esses mesmos autores, também a família, considerada por eles como o âmbito mais apropriado para o desenvolvimento do amor pessoal, revela relações frequentemente funcionais e, não raramente, egoístas.

O ambiente familiar se constitui, atualmente, uma área de interesse crescente quando se pesquisa o desenvolvimento infantil e isso se deve, especialmente, às transformações da sociedade contemporânea no âmbito familiar e sociocultural (MILANI; LOUREIRO, 2008). Sendo a família o primeiro canal de contato do indivíduo com o meio social, o papel nela desenvolvido pelo pai e pela mãe é fundamental para que a criança estabeleça sua rede de vínculos. Para que a criança estabeleça fortes vínculos, capazes de mantê-la inabalável no mundo repleto de

constantemente mudanças, ela precisa encontrar no lar as condições apropriadas, ou seja, seus pais devem exercer plenamente a missão que a eles compete. De acordo com Nogueira e Nogueira (2002), a bagagem que o indivíduo recebe da família passa a fazer parte de sua subjetividade.

Setton (2005) aborda a importância da autoridade familiar no processo de socialização do indivíduo. Para esta autora, a presença de figuras seguras de sua posição de autoridade associada à confiabilidade que elas despertam, podem ser um valioso contributo para uma maior produtividade escolar. Além de ressaltar a importância de um eixo familiar estável, Setton (2005) chama a atenção para a relevância da estabilidade de natureza psicológica que ela equipara a condições e disposições dialógicas. Trata-se da configuração de um ambiente familiar em que se valorizam o conforto psicológico e a segurança afetiva.

Com relação à autoridade, Pontes e Strada (1998) enfatizam a importância da mesma no funcionamento familiar. Esses autores consideram que possuir autoridade é ser autor e protetor da vida autônoma do outro e essa somente é possível se assentada na atuação desinteressada em favor do outro, gerando uma autoridade interior. Atuar movido por uma autoridade exterior gera ordem, mas nunca educará, conforme dizem esses autores.

Pode-se inferir, portanto, a importância da socialização por ser o primeiro passo no estabelecimento de vínculos. Para Bouvier (2005), o conceito de socialização ultrapassa a capacidade que o indivíduo possui de integrar-se na vida coletiva. Segundo a autora, a socialização é um processo contínuo de ajuste de um sujeito a si mesmo, ao outro e a seu ambiente social. Dessa forma, Bouvier (2005) ressalta a importância de considerar a criança como sujeito social que participa de sua própria socialização.

Nessa linha, Setton (2005) observa que cada família transmite a seus filhos certo capital cultural e um sistema de valores implícitos

e profundamente interiorizados. Segundo a autora, essa transmissão contribui, direta ou indiretamente, para a definição das atitudes futuras dos filhos perante o capital cultural que venham a adquirir e que os torna predispostos a valorizar ou não o conhecimento escolar. Esse último constituiu um elemento importante para alcançar o sucesso ou o fracasso escolar, visto que uma estrutura familiar temporalmente ordenada transmite, ainda que de maneira inconsciente, métodos de organização nas estruturas cognitivas (SETTON, 2005).

Escalona (1983) aborda o profundo sentido da vinculação ao outro e a necessidade de doar-se e de receber. Se a educação tem como meta a formação do ser humano em todos os seus aspectos, o fator social deve ocupar um dos primeiros lugares, uma vez que dele dimanam todos os demais aspectos, notadamente o da realização pessoal. Adquirir conhecimentos na era globalizada em que nos encontramos é algo acessível a um grande número de pessoas e não se centra unicamente nos bancos escolares. Contudo, o vínculo pessoal que a escola carrega consigo ao transmitir e ao sociabilizar os conhecimentos é que a torna necessária e imprescindível no processo de formação do ser humano. Nessa direção, torna-se relevante discutir a pedagogia dos vínculos e as possíveis implicações acerca da motivação do aluno para aprender, assunto discutido na sequência.

3. A pedagogia dos vínculos no contexto da motivação para aprender

Um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas se encontra na motivação do aluno para aprender. Vários estudos (REEVE, 1998; REEVE, DECI; RYAN, 2004; RYAN; WEINSTEIN, 2009, dentre outros) foram

e são realizados no intuito de explorar esse constructo tão relevante no campo educacional. Os resultados de pesquisas no campo da motivação para aprender (MARTINELLI; GENARI, 2009; BZUNECK, 2009) revelam que, com o avanço dos anos escolares, a qualidade motivacional do aluno para aprender diminui e se salientam os problemas comportamentais. Tais problemas acabam por ocupar grande parte do tempo dos profissionais da educação que, voltando sua atenção para resolver as situações conflituosas que surgem entre eles e os alunos e os alunos entre si, desviam-se de sua principal tarefa: ensinar.

Osterman (2000) destaca o papel do professor na motivação para aprender. A autora salienta o valor preditivo da relação professor-aluno para avaliar a qualidade motivacional do aluno para aprender. Estar motivado para ir à escola pode ter como fatores, por exemplo, o bem-estar que se sente no ambiente escolar e o cultivo das amizades que lá se estabeleceram. Porém, a motivação para aprender se centra na relação professor aluno.

Uma das teorias mais recentes do campo da motivação para aprender, a teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 1985), propõe que o ser humano possui três necessidades psicológicas básicas, sendo que a satisfação destas é determinante para a motivação. São elas: autonomia, pertencimento e competência. Cabe esclarecer que embora existam outros postulados teóricos acerca do assunto, no presente trabalho, optou-se por adotar a teoria da Autodeterminação para a construção das considerações teóricas.

Aparentemente paradoxal, o vínculo permite o desenvolvimento da autonomia. Bzuneck e Guimarães (2010) salientam a importância de que cada indivíduo tenha satisfeita sua necessidade de estar ligado a outras pessoas, sentindo-se, ao mesmo tempo, autônomo em relação a elas. Esta afirmação explica o motivo pelo qual pessoas se detêm

em estudos ou trabalhos em que devem atuar sozinhas. Fisicamente elas estão sós, mas sua vinculação a outros está fortemente estabelecida e, portanto, satisfeita sua necessidade de pertencimento.

Kentenich (1999) faz uma analogia a respeito dos vínculos, comparando-os ao carvalho. O carvalho é uma árvore utilizada para verificar a intensidade dos temporais nos locais em que ela se encontra. O motivo de tal escolha se dá pelo fato de que quanto mais temporais e tempestades o carvalho enfrenta, mais forte ele fica! Suas raízes naturalmente se aprofundam mais na terra e seu caule se torna mais robusto, sendo impossível uma tempestade arrancá-lo do solo ou derubá-lo. Portanto, possuir vínculos, segundo Kentenich (1999), é fortalecer-se em decorrência das tempestades da vida.

Só poderá vincular-se a outrem e sobre ele exercer influência, quem o aceita como ele é sem querer torná-lo dependente ou fazer-se dependente dele. Vincular não significa atrelar, pelo contrário, é permitir ao outro que seja o que é de fato, possibilitando-lhe agir com autonomia. Bzuneck e Guimarães (2010), ao destacar a importância de cultivar e de ampliar as necessidades psicológicas básicas de autodeterminação, das quais o vínculo faz parte, ressaltam que, quando propõe atividades, o professor deve considerar as preferências e os interesses pessoais de seus alunos.

Sob essa perspectiva, observa-se a importância das relações afetivas entre o educador e o educando no processo de ensino e aprendizagem, pois não há como negar que um desenvolvimento afetivo saudável depende das relações estabelecidas entre as pessoas (GÓES, 1993). Sobre esse aspecto, Bzuneck e Guimarães (2010) destacam a importância da atuação não controladora dos professores junto aos alunos. Essa recomendação, eles a estendem também para situações de afeto negativo dos alunos diante de atividades que não atendem diretamente seus interesses e

preferências. Em tais ocasiões, os autores sugerem a utilização de linguagem informativa, em contraposição a linguagem controladora, uma vez que aquela expressa um estilo motivacional de apoio à autonomia.

A aproximação entre professor e aluno, numa relação de mútuo respeito e aceitação vai criando e solidificando as afinidades entre ambos, ou seja, uma semelhança que se configurará como um vínculo no qual as interações são significativas e profundas. Kentenich (1999) destaca a importância de tais relações, considerando que os vínculos que uma pessoa estabelece com a outra permitem que o relacionamento humano seja realmente humano.

Atualmente se constata uma carência de vínculos pessoais nas relações humanas e, paulatinamente, se está constituindo uma sociedade extremamente individualista e egoísta. César (2004) ressalta que o ser humano necessita muito mais do que bens materiais. Ele precisa do outro, necessita doar-se e receber da doação do outro para se realizar como pessoa.

Como resultante da carência do estabelecimento de vínculos, dois elementos aparecem no cenário educacional: a evasão escolar e a violência, além da desmotivação. Tais aspectos têm gerado muita preocupação aos sistemas escolares. Blaya (2004), juntamente com outros pesquisadores, realizou um estudo junto a escolas da França, Espanha e Inglaterra com o intuito de estudar o fenômeno da insegurança e violência juvenil. A pesquisa envolveu um número total de 5.991 alunos da idade de 11 a 15 anos matriculados em escolas de ensino secundário situadas em áreas de baixas condições socioeconômicas. A autora relata que há diferenças entre os três países em relação tanto à qualidade das relações entre professores e seus alunos quanto à violência registrada, o que pode ser explicado a partir de uma concepção mais ampla da função do professor e da criação de vínculos sólidos com a comunidade externa.

No intuito de explicar a necessidade de pertencimento como um motivo humano fundamental, Baumeister e Leary (1995) procuraram fundamentar-se em critérios metateóricos, quais sejam: toda necessidade deveria referir-se a uma ampla variedade de situações, influenciar padrões comportamentais, emocionais e cognitivos, produzir efeitos patológicos de longa duração, quando frustrada, e ser universal. Para os autores, a necessidade de pertencimento atende a tais critérios sendo, portanto, uma necessidade humana fundamental. No tocante a universalidade da necessidade de pertencimento, ela é evidente pela formação de grupos sociais observada em todas as sociedades, variando no tipo de agrupamento, no número e permanência de membros, como afirmam Baumeister e Leary (1995). Possuir o senso de pertencimento é associado a maiores níveis de motivação intrínseca, visto que gera percepções positivas sobre a própria competência e autonomia, entre outras implicações, como o fortalecimento do senso de identidade pessoal e a disposição para internalizar e endossar valores sociais relevantes (GUIMARÃES, 2004).

Além dos fatores internos anteriormente mencionados, a satisfação da necessidade de pertencimento influencia as percepções do indivíduo sobre outras pessoas de seu convívio. Guimarães (2004) destaca que pessoas que têm sua necessidade de vínculo satisfeita veem os amigos de modo muito mais favorável, pensam neles com mais frequência e com um nível de maior complexidade. Alegria, felicidade e calma, por exemplo, são emoções perceptíveis em pessoas que se sentem pertencentes (GUIMARÃES, 2004). Portanto, alunos que têm sua necessidade de pertencimento satisfeita apresentam níveis maiores de confiança e de emoções positivas, enfrentam conflitos de modo mais adaptativo, trabalham com mais afinco e, de modo geral, obtêm maior sucesso nas atividades de aprendizagem, como conclui

Guimarães (2004). Ainda nesse conjunto, a autora, tendo por base os resultados do estudo conduzido por Furrer e Skinner (2003), atesta que os vínculos estabelecidos com pais, colegas e professores somam para a promoção da motivação dos alunos.

4. A relevância do vínculo no processo educativo: reflexões sobre o contexto escolar de crianças brasileiras e chilenas

O pertencimento é uma das três necessidades psicológicas básicas do ser humano, como defende a teoria da Autodeterminação, no contexto das teorias que se ocupam com o constructo motivação. Essa necessidade é satisfeita pelo estabelecimento de vínculos seguros e confiáveis com outras pessoas, os quais permitem ao indivíduo sentir-se emocionalmente envolvido em relacionamentos que requerem atenção (MACHADO, 2009). Deci e Ryan (2000), no intuito de exemplificar a importância de satisfazer a necessidade de vínculo para o desenvolvimento da motivação intrínseca, referem que bebês e crianças pequenas demonstram motivação intrínseca em comportamentos exploratórios quando se sentem vinculados a seus pais. No contexto escolar, os autores destacam a relevância que assumem professores calorosos e atenciosos para a satisfação da necessidade de pertencimento.

A educação é um processo inerente à socialização humana. Entre as muitas atribuições referentes ao homem, a que o define como *Homo Socialis*, ou seja, como ser possuidor de uma dimensão social e política, corrobora a afirmação anterior. Ser humano não significa apenas aquele que vive, mas existe numa sociedade, e viver em sociedade requer ser educado para tal vivência. Segundo

Brandão (1984), a educação existe diferente em cada contexto, em cada espaço, em cada tempo.

Na modernidade, a educação, notadamente a que se dá na escola formal, é tida como meio por excelência de promoção do desenvolvimento, com enfoque especial na chamada teoria do capital humano (COSTA, 2009). Nesse sentido, a educação formal é utilizada por muitos programas internacionais de auxílio ao desenvolvimento e de combate à pobreza nos países mais desfavorecidos (COSTA, 2009).

Silva (2009), ao abordar a intenção dos organismos multilaterais no âmbito educacional, esclarece que estes entendem a importância da educação como geradora de capital social, elemento essencial para o desenvolvimento do capitalismo. A minimização da exclusão, da segregação e da marginalização social são outros aspectos apresentados por Silva (2009) como justificativa utilizada pelos organismos multilaterais para explicar sua intervenção na esfera educacional. Contudo, o autor explicita que a razão primeira é a econômica e que os aspectos anteriormente citados se constituem, na verdade, em impedimentos para o pleno desenvolvimento do capitalismo, ameaçando, de certa forma, a estabilidade econômica e a ordem social dos países ricos. Para Fonseca e Oliveira (2005), a educação, contribuindo para a composição da força de trabalho, visa, portanto, formar consumidores e preservar a ordem social vigente.

Para Costa (2009), a educação formal, ou seja, aquela que se dá nas escolas, deve ser analisada a partir da realidade social e econômica em que está inserida. Para o autor, o aparecimento da escola moderna mudou o nível de socialização das crianças que passou da socialização prática, à socialização pautada em atividades direcionadas à instrução num conjunto de saberes abstratos que não se traduzem, ao menos de imediato, em nenhuma aplicação prática. O que parece

ocorrer, conforme cita Silva (2009), é a predominância da quantidade em detrimento da qualidade. O mesmo autor acrescenta que a educação escolar de qualidade caracteriza-se por um conjunto de elementos e de dimensões socioeconômicas e culturais que perfazem o modo de viver e as expectativas dos envolvidos no processo educativo, do qual a família também faz parte. Uma educação escolar de qualidade se manifesta, igualmente, pela utilização que faz dos espaços físicos que possui, transformando-os em lugares de aprendizagens significativas e de vivências efetivamente democráticas.

Tecer considerações acerca da relevância dos vínculos no processo educativo de crianças brasileiras e chilenas requer um olhar ao contexto educacional desses países. Em todas as esferas que envolvem o ser humano, nenhuma delas acontece de forma isolada e tampouco podem ser elas assim analisadas. Abordar os contextos da educação brasileira exige a análise da influência dos fatores socioeconômicos que, em cada fase da história da humanidade, direta ou indiretamente, imprimem marcas profundas na estrutura, na organização, nas metas e na efetivação do trabalho pedagógico.

A baixa escolarização brasileira é muitas vezes associada ao fator acesso. Goldemberg (1993) traz outro argumento extraído de um estudo baseado em dados estatísticos. Segundo o autor, a evasão escolar é um dos agentes mais relevantes. A essa mesma constatação chegam Martinelli e Genari (2009) ao tratar do fracasso escolar que gera a evasão e, conseqüentemente, a baixa escolarização. As autoras, graças a estudos realizados, afirmam que a motivação intrínseca e as ações do professor em sala de aula constituem-se fatores relevantes para a aprendizagem do aluno e sua permanência na escola.

Para Braga (2007), não é possível entender a educação brasileira dissociada dos pressupostos econômicos, políticos e filosóficos que

sustentam a sociedade em que ela está inserida. Corroborando essa afirmação, Silva (2009) menciona que a adaptação da educação brasileira à ordem global, instituída nos anos de 1990, se deu mediante a avaliação quantificadora. O autor chama a atenção para o fato de que essa forma de avaliação, ao priorizar somente questões que envolvem domínio de conhecimentos, desconsidera a vida familiar, a ambivalência cultural, além de outros aspectos que, juntos, constituem a amplitude da formação. Nessa direção, hipotetiza-se que parece salutar a relevância da motivação no contexto escolar, ações que levam os professores ficarem motivados a ensinar e os alunos a ficarem mais motivados a aprender poderiam ser um passo na direção da diminuição da evasão escolar.

Franco et al. (2007), ao discorrer sobre a educação brasileira, expõem que o Brasil, durante a maior parte do século XX, exibiu indicadores educacionais muito baixos se comparado aos da maioria dos países latino-americanos. Cabe ressaltar que os indicadores dos países latino-americanos são, por sua vez, bastante desfavoráveis em relação dos países europeus. Esse panorama permite vislumbrar a situação nada promissora do nível de qualidade educacional brasileiro, na época em questão. No entanto, os autores afirmam que, nos últimos anos, os indicadores de acesso e de fluxo de crianças e jovens na escola melhoraram sensivelmente, persistindo, contudo, o problema da qualidade da educação ministrada nas escolas brasileiras.

Para Saviani (2008), o cenário educacional brasileiro é configurado pelo que ele denomina pedagogia da exclusão. A ordem econômica atual, denominada *pós-fordista*, admite que nela não há lugar para todos e dispensa, de forma crescente, mão de obra. Sendo assim, a educação deve formar, mediante sucessivos cursos dos mais variados tipos, indivíduos capazes de se tornar cada vez mais empregáveis, visando escapar da condição de excluídos. Porém, se isso não for conseguido, a responsabilidade

é toda do indivíduo, ou seja, isso se deve apenas a ele próprio e as suas limitações. A esse panorama o autor denomina pedagogia da exclusão.

No que se refere ao contexto da educação chilena o quadro se apresenta mais promissor. Conforme dados divulgados em 2009 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2009), o Chile figura no cenário latino-americano como um dos países mais estáveis e prósperos, apresentando melhores condições de desenvolvimento humano. Neste cenário também se encontra a educação.

No Chile há um esforço para incorporar um número maior de jovens à educação superior, conforme assevera Norero (2007). Por outro lado, a autora destaca a crescente insatisfação demonstrada por professores universitários no que se refere à qualidade dos alunos que ingressam no ensino superior. Como fatores que revelam a baixa qualidade, a pesquisadora aponta a limitada formação quanto à capacidade de compreensão e de expressão, elementos básicos para a aquisição do conhecimento. Outro elemento citado por Norero (2007) e considerado como o mais agravante é a falta de motivação.

Pelo exposto, percebe-se certa semelhança entre os contextos da educação brasileira e os contextos da educação chilena, particularmente no que se refere à forte ação de organismos internacionais mediante influência direta na elaboração e execução das políticas educacionais desses dois países. Um fator agravante, em toda essa conjuntura, é a visão mercadológica e econômica que tais organismos imprimem na estrutura educacional. Como consequência, há o rompimento dos vínculos afetivos, considerados como um dos fatores essenciais na construção de uma educação de qualidade (DELORS, 1999) e na motivação para aprender (BZUNECK; GUIMARÃES, 2010).

Ao analisar um estudo exploratório do tipo descritivo e com delineamento de levantamento realizado por Maieski (2011) no qual pesquisou

528 crianças entre 5 e 10 anos, das quais 268 eram brasileiras e 260 chilenas, a autora constatou diferença estatisticamente significativa, por meio do teste *t* de *Student*, na motivação para aprender entre os dois grupos de crianças. Um elemento ao qual se pode atribuir o grau mais elevado da motivação, para aprender, das crianças chilenas em comparação com as brasileiras foi a jornada escolar. No Chile, os alunos da educação básica possuem uma jornada única, que na realidade brasileira chamaríamos de período integral. Passando o dia todo na escola, os vínculos com esse espaço e com os elementos que o constituem se tornam mais estreitos e causa de satisfação da necessidade de pertencimento, uma das três necessidades psicológicas básicas que, segundo a teoria da Autodeterminação, gera motivação. Um tempo mais prolongado de permanência na escola estreita a relação entre professor e aluno e faz com que este se incorpore em sua turma e aquele se habitue ao seu cotidiano profissional, tornando-se mais caloroso e atencioso, pois não precisa se preocupar em sair rapidamente de uma escola para, no período seguinte, assumir outra turma em contextos e situações às vezes totalmente heterogêneos, como acontece no Brasil.

A realidade da organização escolar brasileira prevê atividades escolares em um único período, ou seja, manhã ou tarde. Diante dessa situação, professores brasileiros atuam em um período em uma escola com um tipo de clientela e em outro período em outra com um público totalmente distinto. Ou, mesmo que seja na mesma escola, os alunos do período matutino não são os do período vespertino, e mais: algumas vezes os professores atuam em um determinado nível de escolaridade num período e no outro em um nível diferente. O trabalho, a tensão e os desafios dessa realidade tornam o professor muitas vezes, preocupado e nervoso, não lhe possibilitando o estabelecimento de vínculo consistente com seus alunos. Portanto,

a satisfação da necessidade de pertencimento fica muitas vezes deficiente e a motivação para aprender diminuída.

A realidade escolar com suas rotinas, a falta de reconhecimento pela realização do trabalho, os baixos salários, a precariedade na assistência e treinamento contínuo pode desmotivar muitas vezes, o professor e, conseqüentemente, o aluno. Deci e Ryan (2000) destacam a relevância atribuída aos professores calorosos e atenciosos para a satisfação da necessidade de pertencimento ao contexto escolar, uma vez que estabelecer vínculos promove a internalização dos valores e das regulações externas. Tal internalização é essencial para o *continuum* da regulação de comportamento, como propõe a Teoria da Autodeterminação.

A análise do contexto educacional geral e do contexto da educação brasileira e chilena, isoladamente, revelou um cenário preocupante: a predominância das técnicas mercadológicas no campo educacional. A inserção de grandes organismos internacionais influenciando e determinando as políticas educacionais, notadamente dos países latino-americanos, acaba por imprimir nelas um caráter empresarial altamente competitivo. Dessa forma, o princípio que norteia as políticas educacionais desses países são as leis do mercado e não as da educação, ou seja, não é a educação que influencia o mercado, e sim o mercado quem determina como deve ser a educação.

Tal cenário tem gerado problemas que acabam por comprometer a própria existência do homem. Sua competência é avaliada a cada segundo, sua necessidade de pertencimento não é satisfeita e sua autonomia frustrada. Tais necessidades não são respeitadas na sociedade e, infelizmente, também não no espaço escolar, lugar que deveria privilegiar a satisfação das necessidades básicas da criança e do adolescente para que possam crescer e se desenvolver sadamente.

Uma das necessidades a que a criança contemporânea, desde a mais tenra idade, vê frustrada é a do pertencimento. Sentir-se acolhido, compreendido e amado é essencial para que se possa sentir aceito. Saber-se aceito, por sua vez, permite o desdobramento de inúmeras capacidades, pois a certeza de ser acompanhado por alguém é garantia de proteção e abre espaço para a ousadia, a autonomia e o crescimento do senso de competência.

5. Conclusão

A Pedagogia dos Vínculos, despertada em casa e reafirmada na educação formal, é capaz de formar homens novos, de transformar o mundo em que vivemos num espaço onde todos possam encontrar seu lugar, desenvolver-se e ser felizes. Sentir-se vinculado, pertencente a alguém e/ou a algum grupo é um fator imprescindível para toda e qualquer atividade humana, porquanto constitui, juntamente com a competência e a autonomia, o conjunto das necessidades psicológicas básicas e universais de todo ser humano (BZUNECK; GUIMARÃES, 2010).

Guimarães (2004) destaca que, embora a maioria dos estudos sobre o vínculo tenha focalizado os relacionamentos entre pais e filhos, há também outros que se voltam para a interação entre o professor e o aluno. A autora afirma a necessidade de promover em sala de aula um ambiente favorável ao estabelecimento de vínculos seguros. Conforme ela, tal proposição é possível, havendo o interesse e disponibilidade do professor no que se refere à satisfação das necessidades e perspectivas dos estudantes. Segundo Lisboa e Koller (2004), espera-se que os professores ofereçam às crianças, no cotidiano, oportunidades de vínculos, estáveis e saudáveis, que

proporcionem a comunicação próxima, a troca de afeto, a reciprocidade e o equilíbrio de poder.

Portanto, o estabelecimento de uma rede de vínculos é um dos elementos imprescindíveis na constituição de um ser humano integral. Tal afirmação torna-se mais evidente quando se considera a consciência de pertencimento como fator que impele a pessoa à ação, motivando-a a agir, motivando-a a aprender. Sendo assim, o trabalho com a pedagogia dos vínculos se revela como uma forte aliada no processo educativo formal e informal, ou seja, na educação de um modo geral.

6. Referências

- BAUMEISTER, Roy F.; LEARY, Mark R. **The need to belong:** desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*. v. 117, n. 3. Washington [s.e.], p. 497 a 529, 1995.
- BLAYA, Catherine. **Violências nas escolas:** os resultados do comparativismo europeu. Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC - Cuiabá, MT - Julho/2004. Disponível em: < http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/CatherineBlaya.htm>. Acesso em: 17 maio 2010.
- BOUVIER, Suzanne Mollo. **Transformação dos modos de socialização das crianças:** uma abordagem sociológica. Dossiê "Sociologia da infância: pesquisa com crianças". *Educação & Sociedade*. v. 26, n. 91. Campinas. mai./ ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7 jun. 2010.
- BRAGA, Ialê Falleiros. **Fundamentos da Educação Escolar no Brasil Contemporâneo (resenha)**. *Cadernos de Saúde Pública*. v. 23. n. 8. Rio de Janeiro. Aug. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>.

php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000800027&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITH, Evely.; BZUNECK, José Aloyseo. (Org.). **A Motivação do Aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis: Vozes, p. 9-36, 2009.

BZUNECK; José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. A promoção da autonomia como estratégia motivacional na escola: uma análise teórica e empírica. In: BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK; José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. (Org.). **Motivação para aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 43 a 70, 2010.

CÉSAR, Ricardo. **Vínculo é a chave contra evasão**. Revista Maio. 2004.

COSTA, Ana Bénard da. **Educação escolar e estratégias de famílias dos subúrbios de Maputo**. Cadernos de Pesquisa. v. 39. n. 136. São Paulo. Jan/ Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000100003&lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2010.

DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. Nova York: Plenum Press, 1985.

_____. **The “what” and “why” of goal pursuits**: human needs and self-determination of behavior. Psychological Inquiry, [S.I], v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. 3. ed. SP: Cortez, 1999.

ESCALONA, Sara Lopes. **Antropologia e Educação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

FONSECA, Marília; OLIVEIRA, João Ferreira de. **A educação em tempos de mudanças**: reforma do Estado e educação gerenciada. Impulso, Piracicaba, v. 16, n. 40, maio/ago. 2005.

FRANCO, Creso et al. **Qualidade e equidade em educação**: reconsiderando o significado de "fatores intra-escolares. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. v. 15. n. 55 Rio de Janeiro. Apr./June 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000200007&lang=pt>. Acesso em: 5 jun 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FURRER, Carrie; SKINNER, Ellen. **Sense of relatedness as a factor in children's academic engagement and performance**. Journal of Educational Psychology. v. 95, n. 1, p. 148 - 162 [s.n.t.], 2003.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Os modos de participação do outro no funcionamento do sujeito**. Revista Educação & Sociedade. Ano XIII. Ago.. n. 42. 1993. Campinas: Papyrus, v.2, p. 336 a 340, 1993.

GOLDEMBERG, José. **O repensar da educação no Brasil**. Estudos Avançados. vol. 7 no.18 São Paulo May/Aug. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141993000200004&lang=pt>. Acesso em: 8 maio 2010.

GOMES, Candido Alberto; PEREIRA, Marlene Monteiro. **A formação do professor em face das violências das/nas escolas**. Cad. Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 136, Apr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 6 maio 2012.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Necessidade de pertencer: um motivo humano fundamental. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 177 - 199, 2004.

KENTENICH, José. **Que se faça o novo homem**. Santa Maria/ RS: Pallotti, 1999.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo; KOLLER, Sílvia Helena. Interações na escola e processos de aprendizagem: fatores de risco e proteção. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **Aprendizagem: processos**

psicológicos e o contexto social na escola. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 201 - 224, 2004.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, Amélia Carolina Terra Alves. **Interação professor-alunos**: preferência por autonomia ou controle. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2009.

MAIESKI, Sandra. **Motivação de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental**: um estudo com alunos brasileiros e chilenos. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

MARTINELLI, Selma de Cássia; GENARI, Carla Helena Manzini. **Relações entre desempenho escolar e orientações motivacionais**. Estudos de Psicologia (Natal) v.14. n.1 Natal Jan./Apr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2009000100003&lang=pt>. Acesso em: 9 maio 2010.

MILANI, Rute Grossi; LOUREIRO, Sonia Regina. **Famílias e Violência Doméstica**: Condições Psicossociais Pós Ações do Conselho Tutelar. Psicologia: Ciência e Profissão. Conselho Federal de Psicologia, ano 28, n.1. 2008.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. Educação & Sociedade. v. 23. n.78. Campinas. abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7 jun. 2010.

NORERO V., Colomba. **Las contradictorias exigências a la Educación Superior en Chile**. Rev Méd.135. Chile, p. 1343-1345, 2007.

OSTERMAN, Karen F. **Students' need for belonging in the school community**. Review of Educational Research. v. 70, n. 3, p. 323 a 367 [s.n.t.], 2000.

PONTES, Pe. Angel; STRADA, Pe. José. **Proposta Pedagógica de Schoenstatt** – rumo ao 3º milênio. Introdução ao Sistema Pedagógico de Pe. José Kentenich. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada, 1998.

PNUD. 2009. Disponível em: http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf. Acesso em: 7 jun. 2010.

REEVE, Johnmarshall. **Autonomy support as an interpersonal motivating style**: Is it teachable?. *Contemporary Educational Psychology*, 23, p. 312-330, 1998.

REEVE, Johnmarshall; DECI, Edward L.; RYAN, Richard M. Self-determination theory: A dialectical framework for understanding socio-cultural influences on student motivation. In D. M. McInerney & S. Van Etten (Ed.), **Big theories revisited** (p. 31-60). Greenwich, CT: Information Age Press. 2004.

RYAN, Richard M.; WEINSTEIN, Netta. **Undermining quality teaching and learning**. A self-determination theory perspective on high-stakes testing. *Theory and Research in Education*, 7(2), p. 224-233, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Um novo capital cultural**: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação & Sociedade*. v. 26. n. 90. Campinas. jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 7 jun. 2010.

SILVA, Maria Abádia da. **Qualidade social da educação pública**: algumas aproximações. *Cadernos CEDES*. v. 29. n.78. Campinas Mai./Ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622009000200005&lang=pt>. Acesso em: 5 jun 2010.